

RESENHA

*Emilio Garofalo Neto**

TIMMIS, Steve; CHESTER, Tim. **Igreja diária**: comunidades do evangelho em missão. Niterói, RJ: Editora Tempo de Colheita, 2013. Tradução de Vanessa Braganholo.

Tim Chester e Steve Timmis são autores britânicos e pastoreiam o projeto Crowded House em Sheffield, Inglaterra, que é tanto uma igreja como uma rede de igrejas. Este livro é um desenvolvimento e continuação da obra anterior dos mesmos autores, *Igreja Total*. Timmis e Chester seguem no projeto de adaptar a igreja à realidade contemporânea. Neste livro sua eclesiologia está mais cristalizada que no anterior, embora ainda pareça um tanto indefinida em algumas partes. O livro tem sete capítulos e busca seguir a estrutura da 1ª Epístola de Pedro. A intenção é acompanhar o pensamento do apóstolo em compreender a situação, os dilemas e as soluções para a igreja atual ao compará-los com o momento histórico da carta petrina. A ideia funciona bem em algumas partes, e fica um pouco esquecida em outras.

O livro se insere no contexto da busca por uma igreja missional. A palavra “missional” vem se tornando parte do vocabulário da igreja evangélica ocidental. Para muitos é vista como a nova e saudável direção a seguir. Outros a veem com suspeita. Ser missional parece estar relacionado a uma mentalidade de alcançar descrentes aonde estão; ao invés de trazer as pessoas para a igreja, ir ser igreja perto delas. Às vezes é difícil saber o que se deseja dizer com termos que acabam virando chavões e se metamorfoseando de autor para autor. Chester e Timmis não definem o termo, mas parecem empregá-lo no sentido

* O autor é formado em Comunicação Social-Jornalismo pela Universidade de Brasília. Tem o grau de Mestrado em Divindade pelo Seminário Teológico Presbiteriano de Greenville, Carolina do Sul, e de Ph.D. em Estudos Interculturais pelo Seminário Teológico Reformado, em Jackson, Mississippi. É pastor da Igreja Presbiteriana Semear, em Brasília, e professor visitante do CPAJ.

de “uma intencionalidade de cada membro da igreja se perceber num campo missionário, de forma que toda atividade deva ser pensada e planejada em termos de seu impacto na cultura”. Como veremos, a linha missional expressada nesse livro tem problemas sérios a considerar. Mas vejamos primeiramente algumas coisas boas.

Talvez a maior força do livro seja ajudar o leitor a pensar acerca de como ser intencional na nossa vida cristã, considerando a vida de segunda a sábado com a mesma intencionalidade missiológica e doxológica que temos usualmente no domingo. A palavra “intencionalidade” descreve bem a proposta dos autores. Os pastores precisam buscar ser mais intencionais em encontrar ocasiões para pensar a vida por meio das lentes das Escrituras, instruindo cristãos no cotidiano. Cristãos em geral precisam ser mais intencionais em encontrar tempo e ocasiões para viver a vida cristã junto a outros cristãos e a descrentes. O livro é repleto de sugestões sobre como fazer isto. Por exemplo, ao passear com o cachorro, o cristão não deveria fazer disto uma atividade meramente sanitária, mas utilizar a oportunidade para começar conversas com vizinhos. Ao invés de assistir um “reality show” sozinho ou com sua família, poderia convidar a família vizinha (que deve estar assistindo a mesma coisa) para vir assistir com a sua. A proposta não é adicionar mais eventos às agendas já caóticas e superlotadas, mas sermos intencionais e missionais naquilo que já fazemos, adaptando nossa vida de forma a gerar oportunidades.

Uma de nossas ideias mais ambiciosas é fazer com que o ministério evangelístico deixe de ser apenas para os profissionais e volte a pertencer à massa... Precisamos recuperar a ideia de que o ministério evangelístico não deve ser feito apenas por pastores com o apoio de cristãos comuns, mas deve ser feito por cristãos comuns com o apoio de pastores (p. 113).

Eles buscam apoiar essa ideia no entendimento de que a igreja primitiva avançou em meio a tempos difíceis e perseguições justamente por causa da vida exemplar, do bom tratamento dado a mulheres, do resgate de infantes que haviam sido abandonados à morte e outras demonstrações de vida transformada pelo evangelho. A ideia básica do livro é que, no mundo atual, não podemos pressupor que as pessoas se interessarão pela igreja e suas atividades. Logo, devemos encontrar formas alternativas de expô-las à mensagem e à prática do evangelho. A melhor forma de fazer isto seria por meio de “comunidades do evangelho”, grupos informais que se relacionam cotidianamente e em atividades variadas nas quais descrentes podem ser inseridos e começar a ter contato com o povo de Deus. Essas comunidades precisam ter um bom nível de autonomia e sua liderança é geralmente informal e não-ordenada.

Os autores escrevem a partir de uma perspectiva britânica, e isso causa algumas dificuldades no que diz respeito à primeira parte do livro. Eles apre-

sentam estatísticas impressionantes e preocupantes acerca da baixa frequência e interesse dos britânicos pela igreja. Após várias considerações, concluem que os cristãos na Inglaterra não têm mais o direito de esperar que as pessoas respeitem a igreja institucional e tenham interesse em saber o que se passa nela. Dessa forma, o que a igreja precisa não é fazer eventos ou programações mais interessantes; as pessoas simplesmente pararam de ter disposição em estar com a igreja. Assim a igreja precisa começar a enxergar seriamente o mundo ocidental como campo missionário. Nesse aspecto há uma diferença essencial em relação ao caso brasileiro: no Brasil o protestantismo nunca foi oficial, nunca teve status privilegiado e nunca foi tratado como padrão. Aqui a luta por visibilidade e influência sempre foi ladeira acima. Dificilmente um protestante brasileiro toma por óbvia a ideia de que as pessoas têm interesse natural em ouvir o que a igreja tem a dizer e frequentar suas programações. Logo, o problema central do livro não é novo para o brasileiro; nunca deixamos de ver o Brasil como campo missionário e nunca tivemos a ilusão de que somos aceitos automaticamente.

A partir dessa problematização, Chester e Timmis buscam sugerir novos caminhos para a igreja voltar a ser influente entre os descrentes. Algumas ideias do livro são bíblicas e bem-vindas e bastante necessárias para a igreja brasileira. Por exemplo, a verdade bíblica de que igreja é a identidade que o povo de Deus compartilha, e não um prédio ou um evento é algo que ainda não entrou na cabeça de muitos. Eles apresentam diversas sugestões interessantes e realizáveis com o intuito de fazer com que o descrente veja a vida cristã modelada, gerando então perguntas acerca da nossa esperança e fé (1Pe 3.15).

Outro ponto forte é a insistência de que os cristãos deveriam inserir conversas teológicas em toda a vida, não de maneira artificial e forçada, mas tratando a vida toda pelo prisma do evangelho. O chamado é para deixar a artificialidade de métodos evangelísticos que buscam resultados imediatos e investir tempo e vida nas pessoas: “Uma apresentação de dez minutos sobre o evangelho usando um guardanapo não fará com que um incrédulo se converta” (p. 132). É difícil para descrentes numa cultura não-cristianizada absorver todas as ideias da mensagem do evangelho em uma apresentação rápida e por vezes artificial. Faltar-lhes-iam os ganchos culturais básicos para pendurar a mensagem recebida. Ao tratarmos das coisas cotidianas, seja uma bronca do chefe ou o gasto com o salão de beleza de um ponto de vista naturalmente bíblico, nós modelamos para as pessoas uma visão bíblica e ao mesmo tempo mostramos que temos na Bíblia um entendimento mais profundo das questões da vida.

Os autores fazem ainda boas críticas ao movimento *seeker-sensitive* de megaigrejas, argumentando que estas não conseguiram em grande parte atrair descrentes para a igreja, mas esvaziar outras igrejas tirando membros que desejavam uma nova experiência. Eles explicam que

erramos quando buscamos a relevância como um fim em si mesma ou enfatizamos nossas semelhanças com o mundo ao nosso redor. Primeiramente, nosso produto será sempre muito inferior ao oferecido por Hollywood, Facebook e Nintendo. ...simplesmente não podemos concorrer com a indústria do entretenimento (p. 56).

A melhor seção do livro é a que vai das páginas 135 a 146, nas quais Chester e Timmis oferecem ferramentas para estabelecer pontes de ligação para o evangelho com a cultura baseadas num arcabouço de criação–queda–redenção–consumação. Eles oferecem uma boa e breve discussão acerca de como todo ser humano busca desenvolver histórias redentivas por estarem tentando suprimir a verdade pela injustiça. É possível dialogar com as pessoas e utilizar o lugar onde estão para fazê-las pensar sobre a perspectiva bíblica e como ela explica melhor as próprias inadequações que a pessoa sente, os anseios que ela expressa e as tentativas frustradas de lidar com o problema. Eles dão alguns exemplos e ajudam o leitor a perceber como os descrentes necessariamente tentam criar evangelhos alternativos para resolver os problemas de suas vidas e encontrar sentido. A ideia é que, ao entender melhor a razão de as pessoas agirem como agem, o cristão poderá melhor adaptar a mensagem do verdadeiro evangelho ao local em que a pessoa se encontra. Embora as pessoas não usem conscientemente essas categorias bíblicas, elas necessariamente

...irão falar sobre quem são e por que existem (criação). Falarão sobre o que há de errado com elas ou com o mundo – alguém ou alguma coisa terá culpa (queda). Saberão um pouco do que precisa acontecer para que as coisas melhorem (redenção). E também saberão um pouco sobre situações que podem lhes dar significado e satisfação (consumação) (p. 137).

PROBLEMAS ECLESIOLÓGICOS

Talvez o maior problema do livro seja cair no erro de pensar que a Bíblia ensina o conteúdo do evangelho, mas não traz formas eclesiológicas em que este conteúdo deve ser preservado e disseminado. “Igreja não tem tanto a ver com a maneira como nos organizamos – onde nos reunimos, com que frequência, ou até mesmo com o que fazemos quando nos reunimos” (p. 99). Assim ficamos ao sabor dos tempos e culturas, buscando encontrar formas adequadas ao nosso tempo. Sim, de fato há coisas que adaptamos em cada cultura, mas a Bíblia fala bastante sobre formas e estruturas. Ao buscarem reagir a um problema que é real, acabam por ir longe demais e diminuir a importância de elementos bíblicos. O fato de que a igreja não tem alcance natural entre os descrentes não deve por si só lançar por terra práticas e elementos que são estabelecidos nas Escrituras, como liderança formal, proclamação da palavra como centro do culto, estrutura eclesiológica de prestação de contas e pastoreio, etc. Quando se

trata de teologia do culto, homilética e mesmo governo de igreja, a Bíblia fala mais sobre forma do que a maioria dos cristãos gostaria de admitir. O livro é deficiente nisto. Por exemplo, a teologia de pregação dos autores é seriamente equivocada. Embora neguem expressamente que sejam contra pregações, afirmam que “normalmente temos um sermão em nossos encontros. Apenas questionamos o status privilegiado que o sermão tem. Ele é uma boa maneira de se ensinar a Bíblia, mas não é a única forma nem a forma necessária” (p. 187). É uma teologia deficiente criando soluções deficientes para problemas que existem justamente por causa do mau uso que fizemos dos meios dados por Deus.

Embora eles tenham boas sugestões quanto a como fazer a igreja ser mais visível, ativa e relevante, não parecem perceber, ou ao menos não deixam claro ao leitor, que esse tipo de ação sempre foi defendido e ensinado pela igreja, ainda que nem sempre praticado. Por exemplo, baseando-se em Deuteronômio 6 eles buscam afirmar uma vida cristã que acontece ao longo do caminho, e não apenas em reuniões especiais periódicas. A tese central passa pela ideia de que “o contexto para cuidado pastoral e discipulado é a vida diária” (p. 75). Concordamos que esse é um problema real, mas não há nada de novo ou radical na solução dos autores. Ao defenderem que o pastor não deve se encontrar com seu povo apenas no domingo, mas deve haver um pastoreio diário, parecem não conhecer, por exemplo, toda a tradição reformada-puritana de cuidado pastoral.

Um dos elementos mais preocupantes dessa proposta é que, na tentativa de pulverizar o trabalho e criar comunidades do evangelho, eles acabam diminuindo a importância do ministério ordenado. “Não podemos encher nossas cidades com comunidades de luz se cada comunidade tiver que ser liderada por alguém que estudou em um seminário teológico” (p. 176.) Eles dão preferência à liderança bivocacional, entendendo que os líderes que têm empregos seculares têm maior credibilidade com a comunidade. Falta-lhe, ao menos nesse livro, um entendimento bíblico da diferença entre presbíteros regentes e docentes, que resolveria a dicotomia a que os autores estão presos.

A conclusão do livro também é problemática, quando os autores decidem contar um pouco do que eles têm feito na Crowded House. Embora insistam que o modelo deles não deve ser visto como norma, mas apenas como ilustração, fatalmente alguns leitores irão buscar imitar esse modelo de maneira não-crítica. E o modelo preocupa em vários pontos. Ao insistirem em comunidades de pastoreio e convivência cristã descentralizadas, com liderança informal e automultiplicadora, os autores deixam de lado algo que é enfatizado no livro de Atos: a igreja precisa de líderes instituídos oficialmente (Paulo promovia eleição de presbíteros nas igrejas que plantava), atuando em igrejas locais oficialmente interconectadas com instruções normativas em questões de fé e unidade (ver o concílio de Jerusalém e sua decisão comunicada às igrejas) e com uma confissão de fé comum, garantindo unidade e preservação da verdade.

Além disso, no modelo proposto há uma diminuição da importância da assembleia solene do povo de Deus, tão enfatizada ao longo de toda a Bíblia. A reação à ideia errada de que igreja é o que acontece no domingo pode cair no erro de dizer que o que acontece no domingo não tem nada de especial ou superior. “O único lugar onde o evangelismo não pode acontecer em nossa geração é no domingo de manhã na igreja, pois os perdidos não estão ali – não até o momento que formos até eles onde eles se sentem à vontade, no território deles” (p. 29). Não há nada errado em treinar e encorajar os membros a serem agentes que vivem e ensinam o evangelho no contexto em que já estão inseridos em seu cotidiano; mas fazer isto à custa do trabalho formal e coletivo da igreja é ir longe demais. O problema aparece no modelo da própria Crowded House, na qual as reuniões nos lares durante a semana são mais importantes do que a assembleia solene do povo de Deus no domingo:

Uma vez por semana as comunidades do evangelho se reúnem no que chamamos de “encontro”. As comunidades do evangelho são o foco principal da vida das igrejas, mas o encontro também é uma forma de expressão da igreja. Ele representa o povo de Deus reunido debaixo da autoridade da Palavra de Deus. Então, apesar da comunidade do evangelho ser o local principal onde as pessoas participam, o encontro semanal também é importante (p. 186).

O livro sofre por desconhecimento da história e a falta de uma eclesio-
logia robusta. Em alguns lugares há sérios erros na análise de como a igreja vem agindo:

Com toda a redescoberta da teologia centrada no evangelho da Reforma Europeia, ela não resultou na recuperação da missão centrada do evangelho feita pela igreja local. Isso aconteceu porque os reformadores, no geral, aceitaram o pressuposto da cristandade de que a Europa era cristã (p. 23).

Essa visão é completamente errônea. Os reformadores suíços, por exemplo, investiram pesadamente em plantio de igrejas na Europa e fora dela.

Talvez o maior problema seja aquilo que o livro não menciona. Os meios de graça, por exemplo, não são trabalhados na proposta. Quem irá administrá-los? Como? Supomos que na Crowded House haja ensino bíblico formal e que de alguma forma os sacramentos sejam administrados. Mas o livro, que se propõe a apontar novas direções para a igreja, simplesmente traz pouca ou nenhuma instrução acerca de como as tradicionais marcas da igreja (pregação das escrituras, administração dos sacramentos e disciplina eclesiástica) funcionarão nesse contexto. Uma vez que venha o crescimento da igreja, logo precisarão se definir quanto a uma certa uniformidade no ensino (ainda que haja diversidade), precisarão lidar disciplinarmente com questões morais e doutrinárias, e tratar de problemas organizacionais de ordens diversas. Se não

estabelecemos padrões bíblicos para essas coisas, fatalmente surgirão padrões arbitrários e subjetivos que acabam enfraquecendo e escravizando a igreja. As pessoas que falam em “voltar à igreja primitiva” raramente percebem que a igreja primitiva tinha eleição de presbíteros, concílios, sacramentos e disciplina.

COMENTÁRIOS SOBRE A EDIÇÃO BRASILEIRA

Infelizmente a edição brasileira deixa muito a desejar. Há diversos erros de digitação; porém, mais espantoso ainda, há trechos em que a tradução não faz sentido. Talvez seja problema de tradução, talvez de revisão, mas o fato é que há sentenças estranhas e abundantes erros de ortografia (por exemplo, *estrato* bancário ao invés de *extrato*). Há ainda o caso estranho de uma expressão que aparece inexplicavelmente no meio do texto: nas páginas 11 e 13 a expressão “igreja diária” aparece no meio do parágrafo sem fazer sentido algum. Talvez tenha sido um problema de formatação.

Há ainda outras coisas peculiares. Por exemplo, na página 148 vemos um subtítulo que simplesmente não foi traduzido, estando ainda em inglês. Algumas escolhas de tradução são estranhas e outras inconsistentes. Por exemplo, na página 13 o correto seria traduzir *evangelistic courses* por “cursos evangelísticos” e não por “cursos de evangelismo”. Mais adiante no livro aparece a tradução correta (p. 106). Inclusive no original os autores estavam falando sobre o Curso Alpha, que é conhecido no Brasil. A tradutora, por alguma razão, decidiu omitir o nome do curso. Na página 17 algo curioso acontece: a palavra *Indians* que deveria no contexto ser traduzida como *indianos* aparece com duas traduções (ambas erradas): “índios (indus?)”. Parece ter sido uma marcação de algo a ser verificado e que acabou não sendo. Alguns nomes aparecem com grafia variada, como Miroslav Volf que é chamado de Morislav ao menos uma vez.

CONCLUSÃO

Com as ressalvas acima, recomenda-se a leitura da obra, até mesmo para tomar conhecimento desse movimento e interagir com algumas boas ideias. Se tiver, entretanto, de optar entre essa obra de eclesiologia e outras mais robustas, o leitor fará melhor uso de seu já escasso tempo estudando obras que tratam tanto a forma como o conteúdo da eclesiologia ensinada nas Escrituras. Clássicos já disponíveis em português, como os livros de Thomas Witherow e James Bannerman, nos ajudam a ver formas e modelos bíblicos úteis ao povo de Deus em todos os tempos e todas as culturas.

Um dos perigos de livros como esse é que alguns leitores o tratarão como se fosse “a última palavra” em como ser igreja, desprezando formas e modelos tradicionais e se agarrando à última novidade. É justo notar que os autores negam que seja esse o caso; insistem que não estão falando contra reuniões formais, liderança formal ou mesmo as instituições. Os leitores devem levar isso a sério. Em tudo isto se questiona a postura básica do livro: a de que a maneira

de a igreja sobreviver numa cultura pós-cristã é por meio da pulverização da liderança e dos encontros em comunidades menores baseadas em lares e geografia. Será que o problema realmente é que a Bíblia não apresenta formas e modelos úteis à contemporaneidade e assim devemos criar algo amoldado ao nosso tempo? Ou será que nós é que não temos feito bom uso das ferramentas maravilhosas e eternas que a Palavra de Deus nos oferece?